

Melgacense

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO—Rua da Calçada

Proprietario e director, — José Ferreira Las-Casas

Impresso nas officinas d'O ALTO MINHO—Lousão, rua do dr. Alvores da Guerra n.º 20-24

Editor—Alfredo Fernandes Pereira

O QUE DA VALOR A MOEDA

Um jornal francez, exclusivamente consagrado ás questões de economia politica, tratando da situação monetaria nos Estados Unidos, e fazendo largas e sensatas considerações a esse respeito, observa que na circulação americana pouco é o ouro que entra, havendo muitas cidades onde a moeda metalica apparece apenas como uma raridade, sem que aquelles Estados, se inquietem ou preocupem com a sua circulação de cheques e de papel.

Invoamos o testemunho como dos mais autorisados. As questões economicas e financeiras são as mais momentosas da actualidade. Depois de uma sementeira tão vasta de melhoramentos, de descobertas e inventos, chega a hora das colheitas. O trabalho, em todas as suas variadissimas e delicadissimas applicações, exige o seu salario. Tem direito a elle. E' preciso que receba a remuneração devida a tantas cansanças, a tantos esforços, a tantas luctas e sacrificios.

Não é já do mercenario que se trata porque a obra tem sido tão esclarecida, tão racional, tão perfeita, que por muito que se lhe dê, não será de mais.

Orá, a retribuição exigida é, de certo modo, modesta. O que se pretende é adquirir as noções com que se possa fazer face ás exigencias creadas por esse mesmo trabalho, transformador, civilizador, prodigioso até.

O grande capital — e isto não pôde ser devidamente comprehendido pelos espiritos mesteiros, commodistas, egoistas, reles

—o grande capital moderno é o trabalho.

Cada homem põe as suas fadigas, as suas aptidões e as suas fadigas ao serviço do mister que escolheu, ou que as circunstancias e as coincidencias lhe indicaram ou lhe impozeram.

Isto é mais nobre do que o plano do especulador, do egoista, que trata de collocar os seus haveres onde possa arrancar juros mais elevados, e com o menor risco.

E' mais humanitario do que a noção do proprietario, que procurará arrendar tão caro como se vendesse a sua propriedade, ficando com ella, como se a não tivesse vendido.

O trabalho individual, quando esclarecido, quando destinado a fins de utilidade geral, quando inspirado em intuitos, que a consciencia applaude e a dignidade e a honra consagram; tem um alcance vasto.

Não se pôde, pois, não se deve negar, regatear a quem no exercicio da sua profissão, consome as suas forças intellectuales e sua saude, não se pode nem deve recusar-lhe a retribuição a que tem direito.

A maior parte, ou quasi totalidade dos individuos, que constituem a sociedade, não vive dos seus rendimentos, segundo uma praxe vulgar, vive do seu trabalho; vai-se enfraquecendo e morrendo para viver.

Mas hoje a vida está sujeita a exigencias custosas de satisfazer, está obrigada a encargos difficeis de sustentar. Logo não ha outro remedio senão retribuirem-se todos mutuamente de modo que todos possam viver o menos difficilmente que seja possivel,

D'antes, e isso ainda é do nosso tempo, não era preciso auferir grandes proveitos para que se vivesse razoavelmente, e se tivessem ainda sobras que entesourar. Muitas das fortunas mais falladas, foram accumuladas por individuos, que sem grandes recursos poderam constituilas. Hoje não é assim. Se esses individuos vivessem agora, acontecer-lhes-hia o que nos acontece a nós: havia de lhes custar a fazer frente ás necessidades correntes, quanto mais a entesourar economias!

Verdadeiramente, quem quiser economisar ha de privar-se do indispensavel; que até para o indispensavel parece já pouco quanto se auctere.

Haverá esbanjamento, prodigalidades, loucuras, que expliquem o desequilibrio actual? Se os ha, nem se dá por elles; que nem para os haver ha já sequer de que.

D'aqui deve concluir, quem raciocinar serena e desapassionadamente, que o maior estudo da epocha deve ter por objecto o equilibrio entre os recursos e os encargos de cada um; porque d'esse equilibrio parcial ou individual é que pôde resultar o equilibrio geral.

O grande problema é este, que não se resolve em leis, mas praticamente; que não pôde ser vencido nem pelos parlamentos nem pelos governos; antes os governos e os parlamentos, se quiserem contribuir para a realisação do fim que importa preencher, hão-de acompanhar e seguir as tendencias publicas e a corrente dos acontecimentos.

Não nos parece, porem, que as noções mais frequentes e vulgares sejam no sentido desejado.

Ha um atropelamento de interesses e de direitos, que prejudica consideravelmente a solução pretendida. Cada um trata de si, imaginando que em estando bem, pouco importa, e muito. Hoje as ligações entre todas as classes, e e entre todos os individuos pôde fazer causa á parte. A causa é vêr um. As dependencias são reciprocas. Quem se quiser isolar, perder-se-ha.

Tudo isto vem a proposito do facto a principio apontado, que a circulação, quasi exclusiva, do papel dos Estados-Unidos, não preoccupa nem inquieta aquelle grande povo.

A questão não é do papel nem do metal, comtanto que haja confiança, e, portanto, credito.

Com um ou outro d'estes elementos não faltam recursos. A especie de moeda em que elles se realisam pouco importa, se essa especie de moeda corresponder ao fim d'este intermediario, que se chama dinheiro. Não havendo uma desproporção entre o que tem de se adquirir e os meios de que se dispõe; não havendo a carestia de tudo que com elle se hade obter, é indifferente que o dinheiro seja constituído pela fórmula que o fór.

Quando porem, se lança mão do papel, como o unico expediente de representar outra moeda que não existe; quando esse papel se deprecia ao ponto de todos se con vencerem de que pôde muito bem acontecer no dia seguinte não haver já causa de tão baixo preço que com elle se possa adquirir; quando, enfim, desmerece toda a confiança n'essa unica especie de moeda, que anda em circulação, unicamente pela força das circunstancias, então, sim, que é muito para temer uma situação

tão apertada, tão excepcional, tão violenta.

Estabeleça-se o equilibrio economico; haja mais credito do que necessidade de recorrer a elle; haja mais confiança do que necessidade de invocá-la, que o papel terá valor como qualquer outra moeda de bom quilate.

CARTAS

Monsão, 4 de julho de 1899.

O nosso presado collega... Mas primeiramente uma observação aos surs. typographos. Nós na ultima carta escrevemos: *mens sana in corpore sano*—e não o que lá vem. Mais: como bom *inglez ama o seu home, o seu foyer* etc. Home e não *honre*; esta ponhamol-a de parte por enquanto.

Assim, quando nos quizermos referir ao *five o'clock tea*—chá das 5 horas tão usado pelos inglezes—e que o nosso amigo substitue por uma boa agomia do rascante, não sabemos o que escreverão.

Cautella pois. E mesmo para que os nossos amigos, surs. p.º Portuguez e p.º Manoel Rodrigues, não andem por Sago e S. Martinho fazendo *pratinho* do nosso latim.

O nosso presado collega de Valladares dá-nos a honra de se occupar da nossa humilde carta, e, como litterato que é, á semelhança de Camillo, como não tem razão, procura desnortear-nos pela arrolia. Nada conseguirá, pois que quando dissemos que estavamos coraçado e prevenido para tudo, n'aquelle *tudo* já incluíamos o espirito do collega.

Não somos gigante, mas tam-

FOLHETIM

(11) HENRIQUETA

ou

UMA HEROINA DO SEculo XIX

A casa da rua Armenia era feia, sombria e humida. Outra familia que não fosse a do veterano Izidoro, já mais se atreveria a viver alli.

Ha quatro annos que esta pobre familia, composta de pae, mãe e filha jeziam n'aquella possilga. Emquanto podera trabalhar, Izidoro corria com todas as despesas da casa, pois a sua occupação fornecia-lhe os meios indispensaveis para viver n'um meio abundante.

Mas cedo veio a enfermida-

de, e com ella a inaptidão para o trabalho.

Izidoro, devera a um desastre na officina em que estava empregado, a quasi completa perda da sua vista.

Apenas o magro pret de soldado reformado lhe ficara como patrimonio da sua velhice.

Izidoro fora um dos bravos do Mindello.

Assistira a todo o cerco do Porto e fôra elogiado pelo seu comportamento em diversas ordens do exercito, chegando a merecer algumas palavras de estima dos labios do imperador.

Por seu lado Eufrazia, de avançada idade, soffria do mesmo padecimento, que Izidoro. A vista cansada e as poucas forças já lhe não deixavam tempo para grandes cousas.

Só Etelvina se sentia com vigor para todo o serviço da casa. Era a esse anjo de consolação que os dois velhos deviam a sua

alimentação de todos os dias, os seus consolos de todas as horas, as suas alegrias de todos os instantes.

Que tristeza iria, pois n'aquella humilde mansarda se Etelvina seguisse os conselhos de Henriqueta? Quantos momentos dolorosos, quantos instantes de profunda magoa e de acerba agonia retalhariam a alma dos dois velhos? Que acabar tão agonisante, que morrer tão horrivel!...

Etelvina havia promettido, de pois do terceiro dia em que, em casa da modista travara relações com Henriqueta, seguir todos os seus conselhos. Tinham decorrido vinte dias e no momento ajustado, Henriqueta apresentara-se em casa da sua amiga.

O que aconteceu já se patenteou bem á nossa vista. Falta porem, saber o plano de Henriqueta, que ao sair da casa da rua Armenia, dissera para dentro:—«Hoje, não; amanhã, sim».

Ao chegar ao Arco da Pata Nobre, Henriqueta montou no seu cavallo e ordenou a *Zé Corriola* que fizesse o mesmo ao que segurava pela redea e a seguisse a alguma distancia.

Henriqueta mettu pela escura rua dos Banhos e seguisse sempre em direcção á praça das Flores.

A imaginação perdia-se em mil pensamentos sinistros e o coração palpitava a todo o instante: vingança!

Quando chegou á praça das Flores seriam tres horas da madrugada.

A porta foi aberta immediatamente, sem que a dona da casa batesse, pois que Bertha, espreitando por Henriqueta, tinha ouvido o galopar do cavallo e correu a fazer a sua obrigação.

Apoz um instante, chegava o rapaz com o cavallo.

—Então que é isto, sur.º D. Henriqueta? Em vez da mes-

na vem o *Zé Corriola* no cavallo que fora para ella?

Henriqueta não gostou da pergunta e respondeu com mau modo:

—O que so não faz no dia de Santa Luzia...

—Faz-se no outro dia—assidiu Bertha—é da escriptura

—Tenho palavra de rei.

—Muito bem feito. *Palavra de rei não torna atraz*, diz o ditado.

—Os loiros d'esta victoria pertencem-me...

—E' justo...

—A minha vingança...

—Que seja grande, di na do crime que se praticou.

—Serei inexoravel.

—Justiça de Fafe, minha senhora!

(Continua)

ben não somos nenhum pygmeu.

E mesmo que fossemos de *«disforme e grandissima estatura»* tambem o collega se apresenta com o rosto carregado, a barba esqualida, os olhos encovados, a bocca negra e os dentes... afiad-

do. E concedendo-nos tão bizarramente um logar á entrada do goito de Rhodes, junto á derrubada estatua, é que o collega decerto tambem quer ser uma *maravilha* do mundo. Seria pois um 2.º pharol d'Alexandria que, com a luz espargida das suas cartas, illuminará as trevas espirituaes dos seus leitores.

E chama-nos Herodes! E' um a'h'e; mas nós alcançamos o fiar: quer ser Pilatos para que o nosso amigo ande d'aquelle para este, e o collega a paginas tantas, quando veja o caso mal parado, quer lavar as mãos como o mesmo. Já calculamos que o *«Melgaçoense»* será o calvario e o nosso amigo o *«seu judcorum»*.

Devo arranjar tambem um Cyreneu; que a esponja essa já a vai enbebendo no fel das suas cartas.

Não somos adoradores da deusa Káli, nem cruel; portanto não sou o *thug*.

Se Israel não tem *ja'ria*, isso não é com o nosso amigo. Tendo nós dito que s. ex.ª era do Braga, está dito tudo.

O nosso collega, censurando o modo pessimo como são feitos os reparos na estrada n.º 23, não perde a occasião de zagunchar s. ex.ª, dizendo que os cantoneiros continuam em visitas diurnas e nocturnas ao chefe da 3.ª secção de construcção.

Querendo apurar a verdade d'esta aserção, dirigimo-nos ao snr. Joaquim José Barbeitos, visinho de s. ex.ª, que veio a esta villa guiando o seu *cabriole*.

Responden-nos que quem alli andava mais diariamente era o Jeré Machado, o *Lucciro*, e menos o Justino do Amil. Isto diu-nos almente; nocturnamente era falso, mesmo porque s. ex.ª agora não tem *pêqueiras* a armar. E' verdade que tivera ha dias agua de rega na *rolda dos tres*, mas não foi de noite, foi ao conhecer o *vinhem*.

Ora, sendo s. ex.ª conductor (como quem diz official), não ha de ter direito a uma *ordenança*?

Bem sabemos que o seu regimento e *quartel* é em Coura, e que estando em goso de licença, devia não a ter, mesmo por ser uma praça d'outro regimento, mas afinal o sr. director consente e o collega assobia-lhe ás botas.

O collega bem grita, esfalfa-se e gesticula, mas brada no deserto, porque s. ex.ª *faz ouvidos de neu creólor* (não me acordar como erradamente sou dizer-se) e o sr. director... idem na mesma data.

O collega morde-se de raiva, mas perde o tempo e o faticio. S. ex.ª, que conhece bem o mundo e que é muito achado a aphorismos, sabe dizer com muita razão: *«as lousas no mar ao peixe, faz-te bruto; quanto mais bruto, mais peixe.»*

E diz bem, quanto mais bruto mais peixe; razão porque é feio, faz que não entende.

É verdade, ó collega, a meza da Misericordia de Valladares constituida da forma que diz ficamente *«soldado»*? Ou ficará

com alguma perna já picada do bicho?

— «O Regenerador», referindo-se á eleição da Misericordia d'esta villa, diz que o snr. conselheiro Silva Dias se vê em *«papos d'aranha»*!

Em *«papos, hein?! Palpos, homem, palpos d'aranha»*; que n'elles é que o *«jornalista»* se vê quando pretenda mimosear os seus leitores com o parte do seu robasto e esclarecido intellecto.

— Finou-se na passada semana n'esta villa o snr. Alexandre A. Ferreira d'Aragão. A toda a familia, e em especial aos nossos amigos Alexandre e Adriano Aragão, as nossas condolencias.

— Tem encontrado algumas melhoras nos seus padecimentos o nosso amigo Adriano Brito, pelo que o felicitamos.

Theodolito

Valladares, 3 de julho de 1899.

Crime na Vallinha—Homem esfaqueado

No dia 27 do mez findo, ao cair da tarde a vizinha povoação da Vallinha, foi theatro d'um horroroso drama de sangue que emocionou os seus habitantes e todas as pessoas que presenciaram e tiveram noticia do horrivel acontecimento, digno de registrar-se no livro dos crimes mais repugnantes.

A maldade e a perversidade humana exhibiu-se com toda a ferocidade e da forma mais repellente e hedionda.

Ao desfazer da feira que se realisa nos dias 27 de cada mez n'aquella localidade, é costume reunir-se muita gente no sitio do Escampado, proximo ao local da feira, dando entrada em duas tabernas que alli se encontram.

A esse tempo achavam-se n'aquelle logar, Eduardo Cerqueira, o *Samallo*, das Tijosas, de modo de vida conhecido, e Manoel Gonçalves, moleiro, da Ponte do Mouro, ambos da freguezia de Ceivães.

O *Samallo* teve uma pequena altercação com um pedinte, que, segundo nos dizem, estava em estado de embriaguez, e d'essa altercação resultou o *Samallo* bater no mendigo.

Manoel Gonçalves entreveio n'esse acto e dirigindo-se ao aggressor exprobou-lhe o seu procedimento e como lhe respondesse com inconveniencias, deu-lhe uma bofetada.

Algumas pessoas que estavam presentes conseguiram separar-os, jurando a esse tempo o *Samallo* que havia de tirar vingança.

Cada um foi para sua parte e ninguém se persuadia que o *Samallo* possesse em pratica as suas ameaças, apesar de continuar a dizer que não acabaria o dia sem que lh'a pagasse bem paga.

Decorreu perto de uma hora depois d'esta pequena desordem, quando Manoel Gonçalves, vindo do logar de Santo Amaro e dirigindo-se para sua casa pela estrada real, no mesmo local do Escampado e pouco abaixo do sitio onde se tinha dado essa desordem, o Eduardo sabendo-lhe ao encontro com resolução premeditada, investiu para elle, e repentinamente, como uma fera sedenta de sangue, cravou-lhe uma faca no pescoço, sob a castilagem

thyroidoira e tão profundamente que foi rasgar-lhe a *trachea-arteria*.

Foi esta a primeira e a mais grave facada que o malvado vibrou na pobre victimia dos seus instintos perversos, pois, ainda não saciado, após esta, arremessou-lhe mais quatro n'um braço e continuaria a cevar-se no sangue do seu semelhante se não temesse ser preso, porquanto principiava de acudir o povo que estava proximo e presenciava a scena sem suspeitar que o preverso estava munido d'uma faca e, portanto, que eslaqueava o *Gonçalv*.

Então, para fugir á acção de justiça e ao castigo do povo, fugiu como um animal feroz, com a faca empunhada e embebida em sangue; tendo tambem nas mãos as notações do seu horrillante crime, o sangue vivo do desgraçado, sacrificado á intole maldade da sua alma.

O Gonçalves cahiu derrubado pelo covarde facciara, mas assim que o largou, pôde ainda levantar-se e correr sobre elle; porém ao cabo de dez metros de marcha, aproximadamente, teve de parar porque o sangue principiou de afflar-lhe á bocca, suffocando-o; sahindo-lhe tambem em jorros pelo golpe que primeiramente recebeu.

Nessa occasião, já com poucas forças e conhecendo a gravidade do seu estado cahiria ao chão se algumas pessoas o não atparassem, conduzindo-o para a pharmacia do snr. José Grego do Duarte, que no mesmo local do Escampado se encontra e sendo immediatamente socorrido pelo distincto facultativo snr. dr. Gonçalves de Figueiredo que n'aquelle acto alli se achava.

O aggressor conseguiu evadir-se e, segundo ouvimos dizer, tem sido visto em diferentes sitios da sua freguezia, affirmando-se que é protegido por diversos individuos d'alli, tendo pernottado nas casas de alguns.

Liz-se tambem que a auctoridade administrativa tem sido atraipada por pessoas que a tem acompanhado em algumas buscas que realizou.

Eduardo Cerqueira é um criminoso relapso, com largo ti ocinio nas sarrames ruas de Lisboa, habitando por diversas vezes o *Limoeiro*.

Tambem é conhecido do nosso tribunal, onde tem respondido por varios crimes, pagando na cadeia as suas más acções. E' solteiro, de estatura mediana, uza bigode e terá 26 annos de idade.

A faca com que praticou o crime foi subtrahida a um sapateiro n'aquella occasião.

Ainda não foi capturado. Manoel Gonçalves é casado, com 5 filhos menores, tendo 40 annos aproximadamente.

O seu estado é muito grave, havendo contudo esperanças de se salvar.

— Passaram por esta villa na ultima semana, em direcção a S. Gregorio, onde deram fundo o conductor d'obras publicas, snr. José da Silva Dias e o chefe de conservaçào snr. José da Rocha e Brito.

Providencias nenhuma se tomaram; os concertos na estrada real n.º 23 e todos os mais serviços que lhe dizem respeito, continuam como até aqui.

Na proxima carta fallaremos mais detidamente sobre este assumpto.

Tambem desejamos fallar sobre a eleição da Misericordia d'esta villa, mas o espaço de que disponos não permite alongar-nos em considerações e por isso ficará igualmente para a primeira.

— Meu respeitavel *Theodolito*: Em guarda e porfidados esperamos 8 dias pela sua mensagem.

De prevençào e aguardando as suas investidas, estavamos longe de pensar nas *granadas* que nos arremessou.

Que bombas, collega, que bombas!

Ficamos varados, aniquilados, estrebuchando nas vascas da agonia.

Mas deixe estar que não morremos sem confissão e para nosso descaigo, dir-lhe-hemos, ao collega e ao mundo inteiro, tu lo que a nossa consciencia nos acoze.

Não deixaremos este logar sem cumprir a nossa penitencia e o collega vá apontando as nossas faltas, como um bom ministro da imprensa, onde já conquistou um logar proeminente.

Vemos que o seu protegido foi feliz na escolha: quer tem o condão de atrahir e conquistar a estima das pessoas d'uma magnanimidade e com força de Hercules.

Que bellos concitos! Que conclusões tão convincentes!

Com que então o seu menino sabe acompanhar a canção do preto d'Angola:

«Preto vai e preto vem Preto ritóla...»

Por esse andar deve chegar logo. Qualquer dia apparece transicionado em dançarino.

Uma *fabula* conheci-la Acorde-nos á lembrança: Segora canta o *ritóla*, Qualquer dia entra em dança

Acceita logo o conselho, Da formiga p'ra cigarra: E' fará como á rapoza Quando sentir uma parra.

Volta logo o facinho, e embora sejam amargos não lhes perdo. Pois se *«lle come um bon ingles»*, como diz o collega, nada lhe poderá escapar.

Que estomago, collega, que estomago de elle!

E agora, por 15 dias ficamos em descaigo; precisamos fortalecer-nos do choque violento que nos fez sofrer.

Peço a premissão do caro collega e dos presados leitores.

R.

PELO MUNDO

Infeliz Hespanh!

A nosa vizinha nação atravessa um periodo bem cruel e desgraçado para a tranquillidade de que tanto necessitava depois da sua ultima guerra com os Estados Unidos.

Por causa das medidas de fazenda do ministro Villaverde deram-se violentos tumultos em algumas das suas principaes cidades, nomeadamente Zaragoza.

O commercio de Madrid protestou contra as medidas do ministro, encerrando as lojas e, em Zaragoza, houve nas ruas verdadeiras batalhas entre a tropa e po-

vo, sendo proclamado o estado de sitio pelo governador, o marquez de Alameda que, por fim, publicou um *bando* em que declarava que seriam processadas, militar e summariamente, todas as pessoas que não obedecessem ás ordens da auctoridade militar.

O povo apedrejou o governador, a guarda civil e o general e o general Bourbon e Castelvi que quiz falar á multidão, indo depois lançar fogo ao collegio dos jesuitas. O palacio archiepiscopal está tambem guardado por um forte destacamento militar.

Em Valencia os tumultos foram igualmente frequentes, e que tambem alli foi publicada lei marcial e se pensou as garantias, estando feitas numerosas prisões. Em Zaragoza, só o numero dos mortos foi de 8!

Os ultimos telegrammas dão como restabelecida a tranquillidade em Zaragoza e em todo paiz.

Oxalá assim seja, porque é bem desesperada a actual situação da Hespanha.

O veneno dos lyrios.

Um botânico allemão descobriu que o lyrio continha um veneno aos mais violentos.

Não só a flor em si, mas tambem a haste, contem, na realidade, uma quantidade apreciavel de acido prussico. Quando se injectam algumas grammas d'una decoção de lyrio no ouvido d'um porco da India vê-se o animal succumbir logo, com todos os symptomas do envenenamento pelo acido cyanhydrico.

A analyse chimica da planta revelou a presença d'esta substancia venenosa, á qual—coisa curiosa—os sabios attribuem precisamente o perfume tão penetrante do lyrio.

O que determinou este exame, por parte do botânico allemão foi o facto d'um dos seus jardineiros ter sentido vertigens e vomitos depois de ter, por descuido, levado á bocca, enjos labios estavam feridos, um molho de lyrios brancos.

CHRONICA DA SEMANA

Domingo, 2 | 7 | 99.

Melgaço continua a ser a terra picada. Na semana que h'ontem findou, nada houve digno de registrar-se. Ao sentar-me á banc., em que lhes escrevo, á falta do melhor assumpto, estava resolvido a contar-lhes as minhas agruras passadas, as incertezas presentes, as minhas duvidas futuras, materia para um agradável; mudando, porém, de resolução para não irritar aquelles que me leem; e, deixando de parte assumptos que só causam tedio vou aproveitar-me das minudencias que então se deram, que se não interessam, tambem não entustiam.

Não valle a pena aproveitar-me de toas mudanças, mas quero cumprir com o meu dever de chronista, porque tenho por habito traçar uma recta e seguir sempre a direiro, sem que me demova a má vontade, nem os obstaculos. E' que a minha energia retempera-se com os estorvos, e afirma-se com as injustiças, como mais de uma vez o tenho provado não sendo a falta de assumpto

que me faça desesperar, nem os combatentes que tenho encontrado na lucta, que me fazem esmorecer, nem a guerra acciiosa que os meus inimigos me movem, acompanhada de odio e rancor, me fazem depôr a minha fragil arma — a penna — Assim o pensaram, es, irritos obocados, mas erganaram-se.

Como in dizendo, pois, os factos da semana são d'uma tal insignificancia, que não sei se os relate. Na segunda-feira contaram-me que d'um modo na lucta a um morador, na minha rua, dois dias depois de fugir com injeção do homem — porque não devíamos invocar as merês que Deus faz a outros — nem mesmo esta noticia, que me pareceu tão clara, me incitou o desejo de jogar na lucta. Depois, melhor informado, soube que não passava de um blague, que talvez fizesse crescer a agua na bocca nos sedentos do circ, dando motivo os maldiscentes carem á lingua, commentando a noticia a seu modo!...

Depois outra noticia, mas esta verdadeira, se espalhou: de terem os ladrões roubado no comboio, quando ia em viagem para o Porto o sr. Caetano d'Abreu Cunha Araujo, do Rio do Porto, d'esta villa, limpando-lhe 120:000 reis.

Ora, do que não resta duvida é que se o roubo tivesse sido feito n'este concelho, não lhes digo nada, era caso para os regeneradores, que as almas do purgatorio, blasphemam contra a muito alta autoridade administrativa, fazendo um barreiro de ensurdecer os ouvidos; assim, não se ligam grande importancia ao facto, decidendo-se de ladrar á mal!...

E por hoje está cumprida a minha missão, que por não ter assumpto, já fui extenso de mais. E até á semana.

Um melgacense.

NOTICIAS & LOCAES

Santa Casa

Como nos annos anteriores, realisou-se domingo na capella da Misericordia d'esta villa a festa da Visitação, constando de missa solenne e sermão pelo rev. Manuel Antonio Domingos Costa, tendo estado de tarde aberto ao publico o edificio e demais dependencias do hospital, a cargo da mesma Santa Casa da Misericordia.

Dr. Luiz José Dias

Consta-nos que este nosso valiosissimo amigo acompanhará ao acto da posse o novo arcebispo de Braga, visitando por essa occasião a nossa villa de Monsão, onde conta tão numerosos e dedicados amigos.

E' de presumir que nos honre com a sua visita, porque em Melgaço tambem conta grande numero de dedicados amigos que muito apreciam o seu peregrino talento, as suas poderosas faculdades de trabalho e o seu caracter de fina tempera.

Os roubos nos comboios

No dia 26 do mez passado,

deram-se tres importantes roubos nos comboios do Minho e Douro.

Ao sr. João Pereira, natural dos Açores, e que ia de fazer uso das aguas do Pezo (Melgaço) roubaram cerca de 400\$000 reis; ao sr. Caetano d'Abreu Cunha Araujo, d'esta villa, 120\$000 rs., e ao sr. dr. Guilherme Telles de Figueiredo, que ia de Braga para o Porto, 40 e tantos mil reis.

Como diz o nosso presado collega «O Primeiro de Janeiro»: «estão sendo d'uma frequencia lamentavel os roubos n'estas linhas ferreas, devido sem duvida á falta de conveniente fiscalisação policial, que não pôde ser proficua enquanto se não estabelecer do mesmo modo por que está regulada para as linhas da Companhia real.»

Na estação de Nine tambem roubaram no nosso amigo rev. Francisco Gonçalves, digno reitor da freguezia do Prado, na occasião em que regressava de Braga e quando entrava para o comboio, uma carteira com 20\$000 reis e varios documentos.

Fazendo aquelle nosso amigo queixa do facto aos empregados da estação, um d'estes logo lhe declarou que a carteira apparecia.

E de facto já appareceu com os documentos que continha.

Naquella estação tem sido frequentes ha muito tempo os roubos de carteiras aos viajantes que se dirigem para Braga ou que voltam d'aquella cidade.

E parece incrível que se não tenham adoptado providencias energicas para apagar os ladrões e obstar á continuacão das suas proezas.

«Correio da Manhã»

Recebemos os primeiros numeros d'este excellentissimo diario, que começou a publicar-se no Porto, primeiramente redigido pelo distincto literato, sr. João de Souza Brandão.

Agradecendo a amavel visita, desejamos ao novo collega as maiores prosperidades.

Feira de Penso

Em virtude de deliberação da digna camara municipal d'este concelho foi restaurada a feira que ha annos costumava realisar-se no sitio de S. Bartholomeu, da freguezia de Penso, mudando-se do dia 5 para o dia 19 de cada mez.

A inauguração d'esta feira realisou-se ha no dia 19 do corrente, constando-nos que n'esse dia se fará ouvir uma musica no local da feira, que é excellentissimo, e se queimará muito fogo.

E' de esperar, pois, que ella seja muito concorrida.

Luiz Manoel Solheiro

Acompanhado de sua ex.ma esposa e filhinhos, acha-se de novo entre nós aquelle nosso apreciadissimo e querido amigo, um dos nossos conterraneos que mais tem enobrecido o nome de Melgaço na cidade de Belém, no Pará.

Caracter de finissimo quilate, espirito lucido e coração aberto a todas as acções nobres e generosas, o nosso distincto amigo tem conquistado n'aquella cidade

um nome invejavel, que muito honra a terra que lhe foi berço.

Saudamos-o mui cordalmente pela sua chegada, certificando-lhe ao mesmo tempo a muita consideração em que temos a sua personalidade distinctissima.

Coração de Jesus

Começaram na igreja parochial d'esta villa os piedosos exercicios do Coração de Jesus.

Os nossos vinhedos

Está-se desenvolvendo a olhos vistos n'esta região a terrivel molestia da vinha, o mildiu.

Bastaram alguns dias, poucos, com manhãs novocientas para transformar esse aspecto risinho que apresentavam, na desoladora devastação em que se encontram algumas das suas mais espedicas qualidades.

A's alegrias do lavrador, que antevia uma colheita feruandantisima succede a tristeza pelo desastre que dia a dia vem de soffrer.

O facto de ha já dois annos ter esta concelho sido poupado pelas doencas cryptogamicas, levaram muitos lavradores a deixar de sulphataram os seus vinhedos, o que certamente muito concorreu para o desastre de que acabam de ser victimas.

A sulphatagem foi sempre aconselhada como tratamento preventivo e a sua efficaçia está agora bem evidenciada com o ataque inesperado d'aquellas enfermidades.

Todos aquelles que preventivamente usaram do sulphato de cobre soffreram é certo, mas, não consta que tivessem prejuizos dignos de registro.

Enfim, o debaste dos ultimos dias nos cachos foi grande, mas nem por isso se deve cruzar os braços. Os que contam maior perda resignem-se com a sua má sorte, mas não se desalentem para a lucta. Não cruzem os braços, tratem de, por meio da calda bordalesa contra o mildiu e blach-vot, e do enxofre contra o oidium, dar combate em regra contra estes traiçoeiros inimigos dos vinhedos. Mais vale pouco do que nada.

CARTEIRA

Regressou de Braga, onde tinha ido assistir ás festas do S. João, o sr. Antonio Pires Teixeira.

Esteve entre nós o sr. João Fernandes d'Azevedo, de Podame, de Monsão.

Tambem aqui vimos o sr. dr. José Joaquim da Rocha Queiroz, de Monsão.

Horas de solidão

INSOMNIA!!!

Melgaço, é uma terra, que não nos proporciona um divertimento com que, uma vez por outra, possamos passar umas horas alegres. Já houve tempo, em que aos domingos, agora no verão, na praça do Commercio, se viam dois coretos, onde as musicas «Velha» e «Nova» desempenhavam as melhores peças do seu repertorio, a capricho, o que deu

motivo a divergencias e insultos! No inverno já tivemos os theatros, para hoje existem apenas alguns farrapos para memoria dos apaixonados de Talma; e estamos reduzidos, a que? a chafurdarmos n'uma taberna, a enterrarmos no «Caté Melgacense», ou então a irmos para as lojas de commercio desenferujar a linguall!...

Melgaço, outr'ora, constitua uma só familia e sabia gozar e divertir-se porque todos accudiam a uma voz, sem contradicções, sem reparos, sem uma unica observação, e hoje? Está á espreita da maleficencia para deslenbar d'aquelles que procuram um divertimento mais innocente que sejd!

E' verdade tambem que a devassidão não estava tão alastrada, que não ia de encontro contra todos os principios da moral, que o Martyr do Golgotha pregou e nos ensinou á custa do seu sangue innocente derramado no Monte Calvario!

Triste metamorphose, porque passaste, ó Melgaço!..... Mas, alguma coisa de bom tens ainda: são os lindos arrebaldes que os teus filhos não se atreverão a destruir, para onde amigos e inimigos, ricos e pobres, nos podemos dirigir, participando todos d'esse gozo que a Natureza nos dispensou, e como diz o poeta:

E' tudo—aqui—poesia... Eucanto, delecta, attrae; Nossa alma enebria, Pezares mil nos distrae!

O Melgaço de hoje, pois, não é o de hontem; e já alquem de espirito ebrecado e leviano julga os seus habitantes deshumanos a tal ponto, que todo aquelle que se declarar inimigo, é para o inutilisar. Santo Deus, que é ajuizar tão mal d'aquelles dos quaes conheço bom o homem e as nobres qualidades de que são formados os seus corações!

Mas quem acredita aquelle que faz da consciencia um repugnante commere?..... Fique sabendo esse cosmopolita, que Melgaço acollheu, que se algum dia a infelicidade lhe bater á porta esses que conta como seus inimigos são os primeiros a soccorrela; porque, os melgacenses nas grandes dores, juntam-se e ligam-se para compartilharem das suas desgraças; e se já hoje o olham com commiseracão e com dó, é devido ás suas altas proezas, que só enojam a quem as presenciou..... Para se arvorar em defensor mascarado d'aquelle que se diz nobre no sangue, mas que não é nobre nos senti ventos e nas qualidades, não deve ajuizar tão mal dos filhos de Melgaço, que tem dado provas do quanto tem de bons, do quanto tem de paternos!

.....E' por isso, que devido a estes prostituidos, Melgaço não volta a erganisar-se como uma grande familia, porque a virtude não pôde juntar-se com a maldade! E enquanto vegetarem, entre nós, melgacenses, d'estes parasitas, estamos sentenciados a tudo:—menos a sermos unidos, a sermos uma só familia como d'antes.

E' este o pensar sincero de

Um melhoto.

ANNUNCIOS

Arremataçào

No dia 23 de julho proximo por 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, serão arrematados pelo maior preço offerecido acima dos indicados, os seguintes bens: 1.º direito a metade de uma casa de morada, telhada, sobradada, com quinteiro, no lugar das Lages, em 45\$000 reis; 2.º Leira do Exporão, de pão e vinho em 14\$000 reis; 3.º Coutada de Portas, de pasto e matto, em 6\$000 reis; 4.º Campo do Val, em 3 soalcos, de pão e vinho, em 15\$000 reis; 5.º O direito á 3.ª parte do campo do Livadouro, de pão e vinho, em 11\$500 reis; 6.º o direito á terça parte do campo do Ronfo, de pão e vinho, em 13\$000 7.º o direito a metade do campo do Ronfo, de rega, de pão e vinho, em 70\$000; 8.º o direito á 3.ª parte da coutada de Porta Reis, de matto e lenha, em 5\$000; e 9.º o direito á 3.ª parte da coutada de Porta Carvalho, de matto e lenha em 6\$000. Todos estes bens sitos na freguezia de Peuso, penhorados aos executados Manoel José Esteves Cordeiro e mulher, do lugar das Lages, dita freguezia, na execução que lhes move Agostinho Fernandes de Barros, d'esta villa. São citados para todos os termos os interesses desconhecidos. Os bens indicados sob n.ºs 5, 6, 8 e 9 é d'elles usufructuario o pae e sogro dos executados.

Verifiquei Mendes d'Alcantara

OBRAS COMPLETAS

DE ALMEIDA GARRETT

ASSIGNATURA A VOLUMES-MENSAES

Preço de cada volume:—brochado 600 reis.

Bellamente enc. em percalina, capa a preto e ouro, com o retrato do auctor, 800 reis.

A collecção é constituída pelos seguintes volumes, segundo a nomenclatura que o proprio auctor lhe deu, quando editadas em sua vida:

- I Camões — II Galão — III Merope e Gil Vicente — IV Romanceiro (1.º vol.) — V Frei Luiz de Souza — VI Flores sem fructo — VII D. Philippa de Viçena, Tio Smaplicio e Falar verdade a mentir — VIII Viagens na minha terra (1.º vol.) — IX Ideia (2.º vol.) — X A Sobriha do Marquez, As prophcias do Bandarra e Um noivado no Datundo — XI Arco de S. Anna (1.º vol.) — XII Men (2.º vol.) — XIII D. Branca — XIV Romanceiro (2.º vol.) — XV Illeg (3.º vol.) — XVI Lyra — XVII Fabelas e Folhas caladas — XVIII O Alageme de Saalarem — XIX Portugal na balança da Europa — XX Da Educação — XXI O retrato de Venus, precedido de um Linco sobre a historia da lingua e da Poesia Portuguesa. — XXII Helena — XXIII Discursos paraanactares e Memorias biographicas — XXIV Escriptos diversos.

Os srns. assignantes receberão como brinde os dois ultimos volumes gratuitamente.

Veja-se o 1.º volume nas livrarias e no

Centro de assignaturas de Cezar Marques — MONSÃO.

LOJAN OVA

DE

ANTONIO JOAQUIM ESTEVES

ESPECIALIDADES PARA INVERNO

LIQUIDAÇÃO

PROPRIETARIO d'este estabelecimento chama a attenção de todos os seus amigos e freguezes para o enorme sortimento de fazendas e modas que acaba de receber proprias da presente estação. E, attendendo ás vantajas condições em que acaba de realisar as suas compras, garante ao publico uma grande reduccão de preços, taes como:

Picotilhos de varios gostos, a 500 reis o metro.
Sortido completo de casimiras, nacionaes e estrangeiras. pretas e de cor, desde 1,800 até 3,500 reis o metro, o que ha de melhor.
Cortes de calça, gostos lindissimos, muito qraes.
Grande variedade em castorinas, proprias para vestidos de senhora, que eram de 700 reis a 620 reis, o metro.
Baetas xadrez e mescla, de diferentes gos os, que eram de 600 reis, vendem-se a 500 reis o metro. Outras ditas, que eram de 500, a 400 reis o meiro.
Magnificos cortes de vestidos para senhora e creança, de pura lã, muito baratos.
Flanelas para camisa de homem, gostos variadissimos, que eram de 240 a 190 reis o metro.
Echarpes de malha (pura lã) a 650 reis. Cachetés de merino e lã, a 800 reis.
Camisas feitas, para homem, a 340, 400, 500 reis e mais preços.
Ceroulas, a 240, 260, 280 300, 400 reis e mais preços.
Algodões. Toalhas de feltro para rosto. ceias de lã e algodão, para homem, senhora e creança. Guardanapos a 30 reis.

Chapeus para homem.
Espartilhos para collete de senhora, a 500 reis a dúzia.
Guardasóes. Colletes para senhora, a 650 reis.
Toncas para creança, de varios gostos e feitos, 200, 240 e 320 reis. Lã em fio e de cor, propria para meias.
Magnificos serviços para chá, e louça de diversas qualidades; especialidade em candieiros de metal e porcellana, proprios para mesa de sala; jarras de porcellana, gostos lindissimos; brinquedos para creança, em porcellana e castiças de vidro.
Espetido sortido de gravatas, que eram de 240 a 160 reis e mais preços.
Molduras douradas; p pel, tintas e muitos outros objectos para escriptorio.
Lenços grandes para mulher, a 70 reis.
Merinos pretos e armures, a 500, 600 reis e mais preços.
Panno enfestado para lençoes, e finalmente, muitos outros artigos, tanto em fazendas como em mercearia, que é impossivel enumerar
Calçado para inverno, para homem, senhora e creança, com grande reduccão de preços.

PECHINCHA

Um saldo de riscados que eram de 60 a 40 reis! Cutins de varios gostos, que eram de 80 a 60 reis. Uma ceusa extraordinaria.
Machinas de costura da acreditada companhia «Singer» a prestações ou a prompto pagamento. Camas de ferro e lavatorios, pelo preço da fabrica.
Encarrega-se de seguros, contra incendios, da Companhia «A Commercial», de que é unico correspondente n'esta villa.

FUNERAES

Encarrega-se tambem de todos os serviços funebres pelos preços mais commodos e convidativos, assim como fornecimento de caixões de madeira, chumbo e zinco, armação da camara ardente, cera para os sahimentos, ornamentação d'egrejas, desde o mais simples ao mais luxuoso.

VENDER MUITO E GANHAR POUCO É O
SYSTEMA ADOPTADO
NA

LOJA NOVA DO ESTEVES

MELGACENSE

ESTABELECIMENTO COMMERCIAL

Na loja de FRANCISCO PIRES, conhecido pelo nome de FRANCISCO DE PAÇOS, encontrarão os seus numerosos freguezes um variadissimo sortido de generos, de mercearia, ferro, ferragens panellas de ferro e muitos outros artigos em miudezas, proprios para sapateiros, e tamanqueiros bem assim grande variedade em sola e cabedae de todos as qualidades por preços sem competencia.

O dono d'este estabelecimento é unico agente do alquillador RODRIGO, e encarrega-se de todos os despachos de mercadorias, tanto para qualquer ponto de Portugal, come tambem para qualquer localidade do Brazil.

EMPRESA FUNERARIA MONSANENSE

Escriptorio rua Dr. Alvares da Guerra-Monsão

Esta Empresa, annuncia aos melgacenses que so encarrega de funeraes no concelho de Melgaço, como separadamente fornece caixões e aluga eças e armações por preços convencionaes e commodos.

Contrata funerages de luxo, incluindo eça de madeira dourada.

Dirigir á Empresa Funeraria—
MONÃO.

CAFÉ MELGACENSE

O PROPRIETARIO d'esta acreditada casa, previne os seus freguezes e o publico em geral que de hoje para o futuro se encarrega de qualquer encomenda e satisfaz promptamente quaes queres pedidos, taes como, champagnes, vinhos finos e de meza da Real Companhia Vitecola do Norte de Portugal, licores, cognacs, anizadas, refrigerantes Estacio, sodas, cervejas Bavieca e Pilsener, enfim, todas as variedades de bebidas alcoolicas e refrigerantes.

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao proprietario.

JOSE' CANDIDO LOPES—MELGAÇO

(Descontos para vender)

Segundo anno de publicação

publica-se as quintas feiras

MELGACENSE

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

Continente, anno 1:200 rs.
" " semestre 600 "
Brazil anno 3:250 "
Colonia " 2:250 "

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Linha 30 rs.
Repetições 20 rs.
Annuncios permanentes
preços convencionaes.

Na typographia d'O Alto Minho—Monsão. Imprimem-se facturas, memorauduns, bilhetes para rifas, prespectos e cartazes para teatro, participações de casamentos, convites e cartas funebres jornaes semanales ou bi-semanales em qualquer formato.

Cartas funebres, mandados de pagamento, mappas para professores e outros impressos em deposito.

Cartões de visita, brancos desde 300 a 600 reis, de luto desde 600 a 1,000 reis.

A administração do Melgacense encarrega-se de qualquer encomenda